

Análise Exegética de Efésios 5.15-21

por Tiago Abdalla T. Neto

Tradução Própria

¹⁵Vejam, pois, cuidadosamente, como andam, não como tolos, mas como sábios.
¹⁶Resgatem o tempo, porque os dias são maus.¹⁷Por isto, não se tornem insensatos, mas compreendam qual é a vontade de Deus.¹⁸E assim, não se embriaguem com o vinho, no qual há depravação, mas sejam completos do Espírito,¹⁹para falarem entre vocês com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantarem e louvarem nos seus corações ao Senhor.
²⁰E também, darem graças em todas as situações, por todas as coisas no nome do nosso Senhor Jesus Cristo ao Deus e Pai²¹e sujeitarem-se uns aos outros no temor de Cristo.

Observação

- ✓ A carta aos Efésios vem tratando acerca do testemunho cristão no meio do mundo de trevas. Ao exercitarem sua santidade iluminadora, os cristãos conduziram pessoas que estavam nas trevas para a luz. Assim como o processo de santificação ocorria em suas vidas, do mesmo modo Deus continuaria fazendo no mundo de trevas, salvando pessoas. Era necessário exercitarem sua identidade, serem luz.
- ✓ Dentro da importância do testemunho cristão (*portanto*), Paulo exorta seus leitores a verem cuidadosamente a maneira como estavam se portando perante os de fora. Sua conduta era importante. Necessitavam ser sábios, agir em conformidade com a sabedoria do alto, no lugar de darem vazão aos seus prazeres. A sabedoria cristã está ligada à prática do bem, cujo testemunho de tal prática é claramente visto (cf. Rm 16.19). A sabedoria bendita em Paulo é maturidade cristã, claramente diferente da sabedoria deste mundo, cuja glória é do próprio homem (cf. 1 Co 1.19-27). Aquele que busca a sabedoria divina, naturalmente, será louco para este mundo (cf. 1 Co 3.18, 19). A palavra de Paulo para insensato é distinta da palavra sábio apenas pelo prefixo *α*. No grego clássico tem basicamente o significado de insensato, tolo (Liddell-Scott). (v. 15).
- ✓ “Aproveitar ao máximo cada oportunidade” como traduzido pela NVI, tira um pouco o sentido mais amplo do original. A tradução da ARA é mais exata e traz o significado mais próximo do que Paulo escreveu. É bem provável que a ideia de “tempo mal” seja um conceito Paulino extraído do Antigo Testamento. Um exemplo desse uso literal do grego é o Salmo 37.19 (36.19, LXX), onde o termo “tempo mal” se refere a uma época de julgamento do Senhor sobre os ímpios e preservação dos justos. É, também, um conceito vétero-testamentário que a presente época se encontra sujeita à vaidade devido à condição decaída do homem (ver Sl 90.1-12). O “tempo” ou “época” a ser “resgatado”/“salvo” é mal pois a expressão “dias maus” deixa claro isso. “Dia mal” também aparece em Efésios 6.13, num contexto da necessidade de se vestir com a armadura de Deus pois há uma luta contra os poderes de trevas que governam este mundo. Em Efésios 5.16, *καιρος* é praticamente sinônimo de *αιων*, pois se refere ao

momento presente vivenciado pelos cristão, onde o mundo se encontra sujeito a Satanás (2 Co 4.4) e sob a influência de espíritos enganadores (1 Tm 4.1). É uma época má, pois está debaixo do poder do pecado (Rm 13.11-14) e sujeita à vaidade que este traz (Rm 8.18-23, espec. 18, καιρος; 1 Co 7.29-31).

Ainda mais, este texto é, claramente, um paralelo de Colossenses 4.5. Ali, a maneira como os cristãos se portam no tempo presente se encontra ligada com o bom testemunho perante os incrédulos, em saber como lidar com suas críticas e questionamentos. Evidencia-se, portanto, o propósito evangelístico da conduta cristã apropriada. **(v. 16)**

- ▼ A conclusão desta parte é que, por isso, os crentes da Ásia não deveriam tornar-se insensatos (αφρονος), isto é, sem entendimento, um sinônimo para ασοφος. A sensatez consiste em conhecer ou compreender a vontade de Deus. O incrédulo é incapaz disto (Rm 3.11). A vontade de Deus é o que Ele requer de nós como adoradores e como pessoas que lhe pertencem (Rm 12.2; 2 Co 8.5; Ef 6.6; 1 Ts 4.3). **(v. 17)**
- ▼ No verso 18, Paulo volta a falar sobre o modo e a implicação de uma vida guiada pelo Espírito de Deus nos relacionamentos interpessoais da igreja de Cristo. Os versos de 8-17 foram uma espécie de parênteses, indicando como a santidade do povo de Deus afeta os perdidos. Agora, torna a falar sobre como a santidade se reflete no Corpo de Cristo local. A palavra usada para “embriagar” é o sentido mais apropriado conforme as demais ocorrências do Novo Testamento, com exceção, talvez, de João 2.10 (Lc 12.45; 1 Ts 5.7; Ap 17.2). No Grego Clássico tem o significado de “embebedar”, “intoxicar”, “embriagar” ou “dar de beber” algum líquido ou água. Na voz passiva, como é o caso do presente texto, o verbo indica “beber livremente”, “embriagar-se” ou “estar bêbado” (Liddell-Scott). Os crentes não deveriam embriagar-se com o vinho, pois isto os levaria à devassidão, a práticas corruptas. O significado da palavra ασοτια era, primordialmente, de “esbanjamento” “prodigalidade”, provavelmente associado a condutas libertinas. No Novo Testamento tem basicamente o sentido de devassidão, depravação. O bêbado esbanja uma vida impura, um coração corrupto. A bebida produz corrupção.

No lugar de serem cheios pela bebida, os crentes deveriam ser completos pelo Espírito de Deus. Isso é o que se espera daqueles que agora são luz. Os resultados de serem cheios do Espírito seriam outros, totalmente diferentes daqueles provocados pelo controle do vinho. Os versos 19-21 descrevem o que ocorre, como resultado, dos que se deixam encher pelo Espírito de Deus. Sendo assim, os participios gregos dos versos seguintes devem ser entendidos como participios finais, indicando o propósito de serem cheios do Espírito. **(v. 18)**

- ▼ O primeiro resultado de alguém que está debaixo do controle do Espírito se dá no seu falar. As palavras “salmos”, “hinos” e “cânticos espirituais”. A palavra ψαλμοις “salmos” tem basicamente o significado de um “cântico de louvor a Deus”, foi usada no grego clássico para designar a “execução de um instrumento”, como na LXX (1 Sm 16.18). Pode designar simplesmente uma “canção” (Lm 3.14, LXX). Usado na LXX para indicar “flauta” (Jó 30.31). A única outra ocorrência no Novo Testamento é em 1 Coríntios 14.26, não

esclarece muito, mas indica que era usado no culto público em Corinto para a edificação.

A palavra υμνος “hino”, indicava no grego clássico uma “canção de louvor” aos deuses, a um herói ou a um conquistador (Liddell-Scott). Na LXX designa “instrumento de corda” (2 Cr 7.6; Sl 75.1, LXX), mas também, “hino de louvor” (Sl 99.4, LXX), “oração cantada/poética” (Sl 71.20, LXX), “louvor” (Sl 148.14). A ocorrência em Colossenses é paralela à de Efésios (Cf. Cl 3.16).

ωδη “canção”, é usada no Apocalipse para designar “músicas de louvor” a Deus (Ap 5.9; 14.3; 15.3), como também na LXX (cf. 2 Cr 23.18; Ne 12.27). Mas também, instrumentos musicais (Ne 12.36).

Após analisar todas estas palavras, fica claro que as três estão sobrepostas para indicar a ação de louvor a Deus, especialmente de forma cantada. Os verbos “cantar” e “louvar” reforçam a idéia. Encontramos no texto o louvor manifestado externamente “entre vocês”, mas que necessita ser um reflexo de uma atitude interior “nos seus corações ao Senhor”. (v. 19)

▼ Juntamente com o louvor a Deus se encontra a gratidão para com suas ações na história de Seu povo. O ato de “agradecer” (ευχαριστω) deve se dar “sempre” e tudo deve ser motivo para isso. No decorrer da carta, Paulo vem deixando evidente que há um Deus cujo amor por nós o levou a nos fazer Seu povo. Ele está ativo, escolhendo, redimindo e santificando e todas as circunstâncias que acontecem, fazem parte desta ação maior de Deus. Não é simplesmente agradecer *apesar* das circunstâncias, mas ser grato *por* (υπερ) elas. É só por meio de Cristo que se pode enxergar com a lente correta o amor e graça de Deus e exercer a gratidão. O adjetivo “Pai” πατηρ, ressalta o cuidado e bondade de Deus. (v. 20)

▼ A terceira finalidade pela qual o crente deve buscar ser cheio do Espírito é para que seja capaz de se submeter aos outros irmãos. A palavra traduzida como “submeter” (υποτασσω) indicava no grego clássico, “arranjar/colocar debaixo de” e, também, “subjugar” (Liddell-Scott). Na LXX, indica “submeter-se” (2 Mac 9.12), “subjugar, ter autoridade sobre” (Dn 11.39), “considerar” (Ag 2.18), “comandar” (2 Mac 8.9).

Em Lucas, indica a atitude “submissa” de Jesus (Lc 2.51) e a “submissão” que os demônios prestavam aos discípulos de Cristo quando estes foram enviados sob Sua autoridade (Lc 10.17, 20).

Em Paulo, “sujeitar-se” (Rm 8.7, 20; 10.3) a uma autoridade instituída por Deus (Rm 13.1, 5; Tt 3.1) e que o espírito humano é passível (1 Co 14.32) que a mulher deve ao homem na igreja e as mulheres aos maridos (1 Co 14.34; Ef 5.24; Cl 3.18; Tt 2.5), de todas as coisas diante de Cristo e de Cristo ao Pai (1 Co 15.28) e dos crentes àqueles que os lideram (1 Co 16.16). Significa, ainda, “sujeitar” ou “submeter” (1 Co 15.27; Ef 1.22; Fp 3.21), especialmente de Deus Pai e Cristo subjugando todas as coisas.

Em Hebreus indica a sujeição que Deus impõe a todas as coisas sob a autoridade

de Cristo (Hb 2.8) e a sujeição que os crentes devem a Deus como o Pai espiritual (Hb 12.9). Tiago fala de “sujeitar-se” a Deus, o que implica em resistir às propostas do Diabo (Tg 4.7).

O apóstolo Pedro fez bastante uso desta palavra. Em suas cartas, possui o sentido de “sujeitar-se” ou “ser submisso”, dos crentes para com as autoridades civis (1 Pe 2.13), dos servos aos senhores (2.18), das mulheres aos maridos (3.1, 5), dos jovens aos mais velhos (5.5) e de anjos e poderes espirituais para com Cristo (3.22).

Fica evidente, portanto, que “submeter-se” no texto de Efésios 5, em conformidade com seu uso habitual e especificamente com a teologia paulina, “uma entrega para servir”, onde a preocupação com o outro suplanta a preocupação consigo mesmo. **(v. 21a)**

A submissão deve ocorrer dentro do temor de Cristo. O genitivo Χριστου parece ser melhor entendido como um genitivo objetivo, ou seja, o temor devido a Cristo. Não é uma submissão sem limites imposta pelo irmão, mas uma submissão dentro dos parâmetros estabelecidos por Cristo em conformidade com o evangelho. A citação de M. Denis de Rougemont, encontrada no livro “Quatro Amores” de C.S. Lewis faz jus ao limite que deve ir a nossa entrega ao próximo, quando escreve: “o amor deixa de ser demônio, quando cessa de ser um deus”. Isto é, essa submissão amorosa por ser parte do Corpo de Cristo, não deve ser desmedida como se o objeto a quem a submissão é oferecida fosse o próprio Deus. É uma submissão onde eu sirvo ao meu irmão de modo sacrificial, em conformidade com as exigências do Mestre. Essa submissão é descrita, mais adiante, no verso 22 até o 6.9. É a mulher colocar-se debaixo da autoridade do marido e o marido exercer seu papel de amar a esposa sacrificialmente; os filhos honrarem e obedecerem aos pais e estes não provocarem a ira dos filhos, mas educá-los no caminho do Senhor; e, finalmente, os servos obedecerem aos seus senhores com disposição de coração e os senhores tratarem os escravos como seus iguais. **(v. 21b)**